

1.  
*O presente da Befana*

Cara Sandra,

Perguntaste-me, durante o último agradável encontro contigo e com o teu marido, o que tenciono fazer para promover *Um Estranho Amor* (tenho de me habituar a tratar o livro pelo seu título definitivo). Fizeste a pergunta de maneira irónica, acompanhando-a de um dos teus olhares vivos de divertimento. Naquele momento não tive coragem de te responder, parecia-me que já fora bastante clara com o Sandro, ele dissera que estava plenamente de acordo com as minhas decisões, esperava que não se voltasse a falar no assunto, nem mesmo a brincar. Respondo-te agora por escrito, a escrita anula-me as longas pausas, as incertezas, a transigência.

Não tenciono fazer nada em relação a *Um Estranho Amor*, nada que implique o compromisso público da minha pessoa. Já fiz o suficiente por essa longa história: escrevi-a; se o livro valer alguma coisa, isso deverá bastar. Não participarei em debates e conferências, se me convidarem. Não irei receber prémios, se mos quiserem dar. Nunca promoverei o livro, sobretudo na televisão, nem em Itália nem eventualmente no estrangeiro. Só intervirei por escrito, mas procurarei limitar também isso ao mínimo indispensável. Nesse aspeto, comprometi-me firmemente comigo mesma e com a minha família. Espero não ser obrigada a mudar de ideias. Compreendo que isso pode causar algumas dificuldades à editora. Tenho muito apreço pelo vosso trabalho, afeiçoei-me imediatamente a vós, não

quero causar-vos prejuízos. Se não estiverem dispostos a aceitar as minhas condições, digam-no já, eu compreenderei. Não é de todo necessário que eu publique este livro.

É difícil para mim expor todos os motivos desta minha decisão, como sabes. Quero apenas confidenciar-te que se trata de uma pequena aposta comigo mesma, com as minhas convicções. Eu acredito que os livros não precisam dos seus autores para nada, depois de escritos. Se tiverem alguma coisa para contar, mais cedo ou mais tarde encontrarão leitores; se não, não. Existem muitos exemplos disso. Gosto muito daqueles livros misteriosos, de tempos antigos e modernos, que não têm um autor certo mas que tiveram e têm uma intensa vida própria. Parecem-me uma espécie de prodígio noturno, como quando, em pequena, esperava os presentes da Befana, ia para a cama muito agitada, e de manhã acordava e lá estavam os presentes, mas a Befana, ninguém a tinha visto. Os verdadeiros milagres são aqueles que ninguém chegará a saber quem os fez, quer sejam os pequenos milagres dos espíritos secretos da casa, ou os grandes milagres que nos deixam realmente de boca aberta. Ficou-me este desejo infantil de maravilhas, pequenas ou grandes, ainda acredito nelas.

Por isso, cara Sandra, digo-te francamente: se *Um Estranho Amor*, por si só, não tiver pernas para andar, paciência, quer dizer que tu e eu nos enganámos; mas se tiver, as pernas levá-lo-ão até onde forem capazes de ir, e só teremos de agradecer às leitoras e aos leitores a paciência com que as ajudaram a caminhar.

Afinal, não é verdade que as promoções ficam caras? Eu serei a autora menos dispendiosa da editora. Até a minha presença vos pouparei.

Um forte abraço,

Elena

NOTA

Carta de 21 de setembro de 1991